

Carnaval a Cavalo: tradição de Bonfim (MG)

CAMILA FERNANDES DE MORAIS

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
cafernandes.morais@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v29i1p139-148

Conhecida popularmente como Carnaval a Cavalo, a festa realizada há 179 anos na cidade de Bonfim (MG) é atualmente o único carnaval a cavalo do país e a mais tradicional manifestação cultural da cidade. A tradição foi iniciada em 1840 pelo padre português Chiquinho, que reproduzia as Cavalhadas portuguesas. Dois grupos de cavaleiros representando cristãos e mouros, com vestimentas azuis e vermelhas respectivamente, simulavam, em praça pública, as históricas batalhas realizadas na Guerra Santa pela reconquista da Península Ibérica.

Durante certo tempo a comemoração aconteceu nos moldes tradicionais, como em Pirenópolis (GO), nos meses de maio ou junho. No entanto, um desacordo entre o Padre e os organizadores da Cavalhada levou a sua proibição pela Igreja Católica. A festa foi então desvinculada da tradição Católica, passando a ser festejada no carnaval. Embora os trajés continuem semelhantes aos originais, com luxuosas fantasias confeccionadas em veludo e ricamente bordadas à mão, os desfiles a cavalo não são mais exatas simulações das batalhas. Apesar de ainda apresentarem certas referências a elas, atualmente os desfiles são, em essência, a interação e a conquista do público pelos cavaleiros, através da troca de serpentinas e confetes.

O Carnaval apresenta uma sequência ritual prescrita, repetida anualmente. O primeiro momento corresponde ao "Bando", realizado nos três domingos antecedentes ao carnaval. Originalmente teria sido criado por um grupo impossibilitado de participar dos desfiles, devido ao alto custo da confecção das fantasias e da preparação dos cavalos (TRIGUEIRO, 2005, p.145). Hoje é uma versão satirizada do carnaval oficial. Os cavaleiros desfilam com cavalos velhos e magros, trajando roupas simples, rasgadas e pouco requintadas ou, ainda, caracterizados como personagens de desenhos animados, políticos e artistas. O Bando é a preparação para o momento mais esperado, o carnaval.

O auge da festa ocorre durante três dias do carnaval. Os Cavaleiros e as Amazonas mascarados, com belas fantasias e montados em cavalos, também enfeitados, realizam evoluções ao som de marchinhas e da Havaneira Bonfinense, executadas pela tradicional banda de música da cidade, em um circuito demarcado na praça da Matriz. Interação e disputam a atenção do público, arremessando serpentinas, na tentativa de conquistá-lo e levá-lo a participar da festa, através da troca das serpentinas.

Ao final do último dia de festa, os cavaleiros e as amazonas descem de seus cavalos, tiram suas máscaras e se unem ao público na famosa Batalha de Confetes. A Batalha simboliza o fim da guerra e a comemoração da reconquista definitiva da cidade, em referência à Batalha entre Cristãos e Mouros. Ela é a expressão máxima da alegria e da interação entre os cavaleiros e o público; é também representação da conquista desse público, após os três dias de “batalha”.

Ao final da Batalha, retornam à praça montados em seus cavalos e desfilando em duplas. Cada Cavaleiro ou Amazona possui um lenço branco com um nó o amarrando ao da sua dupla. Os nós, que se desfazem à medida que os cavaleiros se separam, são a representação da união dos cavaleiros, a qual teria possibilitado a reconquista da Península Ibérica. É também uma referência à despedida e ao retorno desses cavaleiros às suas terras. Por fim, com seus lenços brancos, despedem-se do público na promessa de voltarem no ano seguinte para mais um Carnaval a Cavalo.

Este ensaio é composto por fotos inéditas, registradas nos anos de 2018, 2019 e 2020. É parte de uma pesquisa mais ampla e ainda em andamento sobre a história de umas das festas mais tradicionais de Minas Gerais, ocorrida na cidade berço de minhas origens familiares.

O processo para a realização dessa festa é amplo e abarca uma cadeia de eventos. É o resultado de várias atividades, desenvolvidas ao longo de meses antecedentes à festa: a confecção dos chapéus e dos trajes de veludo bordadas à mão com pedrarias, a aquisição dos penachos e plumas para esses chapéus, a preparação dos cavalos e dos aparatos por eles utilizados, a produção das coloridas rosas de papel crepom que enfeitam esses cavalos, o treinamento das evoluções para o desfile, a contratação de ajudantes etc. Os registros aqui apresentados representam o auge, o grande palco, o momento máximo da festa, a "quebra da quarta parede", em que palco e plateia se encontram.

Referências Bibliográficas

TRIGUEIRO, Renato. (2005). Museu de Cabeceira – Bonfim/MG – Documentário. Belo Horizonte, Edição do autor.

Sobre a autora

Camila Fernandes de Morais

É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013), graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade (2016). Atualmente é pesquisadora do Laboratório de Arqueologia da FAFICH/UFMG e integrante do grupo de pesquisa Geoprocessamento na Gestão da Paisagem Urbana e Ambiental da UFMG.

Recebido em 23/03/2019
Aceito em 13/03/2020















